

SEG - Joaquim Ferreira dos Santos - TER - Arnaldo Bloch - QUA - Ana Paula Lisboa (quizenal) - Maria Ribeiro (quizenal) - QUI - Cora Rónai - SEX - Ruth de Aquino - SÁB - José Eduardo Agualusa - DOM - Artur Xexéo

ARNALDO BLOCH



arnaldobloch@gmail.com



Dor, glória e serotonina

Não há autores mais diferentes entre si que Pedro Almodóvar e Michel Houellebecq. A começar pelo fato de que o primeiro escreve para cinema e dirige cinema, enquanto o segundo dedica-se à literatura e mal resvala nas telas. Espanhol, Almodóvar é melodrama até a espinha, sentimental sem medo, esteta das cores, mondrianesco, dançante, cultor do kitsch-chique,

estilista caleidoscópico das formas clássicas, amante do exagero. Francês, Houellebecq é pura amargura, cinismo extremo, niilista suicidário, detrator da mediocridade reinante, noventaista declarado, dono de um humor oculto que estralcha o peito em fragmentos.

Mas, numa dessas estimulantes coincidências, o novo filme de Almodóvar, “Dor e glória” (a que assisti sexta-feira passada em Paris) e “Serotonina”, novo romance de Houellebecq (que devorei em cinco dias na mesma cidade) têm uma série de pontos em comum. Arrisco dizer que as duas obras completam-se, e, de uma forma meio torta, foram feitas uma para a outra.

Pungente, e, desta vez, sem qualquer concessão ao *divertissement*, o drama de Almodóvar fala da incompletude do amor, de depressão e de heroína, dentro do esquadro da arte como investigação pessoal e autodescoberta. Desgarrada, impiedosa (mas não estranha à compaixão), a teia confessional de Houellebecq fala da impossibilidade de aceitar o amor, de depressão (sempre ela) e de serotonina, dentro do esquadro da rotina das profissões como ter-

renos perfeitos para a descoberta, em eterno retorno, da miséria existencial.

Tanto no filme de Pedro quanto no livro de Michel, os narradores, apesar de seus perfis antagônicos, fecham-se para o mundo e mergulham num turbilhão memorialístico sem tréguas, impulsionados pelas respectivas facetas da adição química.

O novo filme de Almodóvar e o novo romance de Houellebecq são obras que, de uma forma torta, foram feitas uma para a outra

Ironicamente, apesar de seu tom muito mais agressivo e de sua pulsão de morte, Florent, o personagem francês, busca desesperadamente uma saída, ainda que através de um jogo persecutório permeado de armadilhas autoimpingidas obsessivamente: sua pulsão de morte é também pulsão de vida, Eros e Tanatos dialogam até o fim, *amorteamento* é a sentença que dá norte à solução, ou à dissolução — tanto faz, são a mesma moeda.

Já Salvador, o personagem espanhol, de compleição hipersensível, delicado no uso da

palavra, dado a alguns acessos mas sempre amparado pelos limites do senso comum, se vê totalmente abatido por suas contradições. Sua depressão não é “produtiva”, nem heroica, como a de Florent. É a depressão “mansa”, que, mesmo não levando a ânsias de defenestração, encerra todo esforço, domestica a angústia, investe na apatia, sequer reconhece que a esperança, mesmo que vã, é “algo” com que se pode trabalhar.

Mas a vida, por vias que independem da vontade, é capaz de trazer as pistas para aqueles que se recusam a correr atrás delas. Há quem diga até que é só assim, sem procurá-las, que elas vêm à luz e abrem uma via possível para a redenção. E é deste modo que, de uma forma aqui (com o Salvador de Almodóvar), de outra forma ali (no Florent de Houellebecq) os turbilhões terminam por converter-se em vetores para uma direção em que o ciclo da tempestade irá se fechar numa ideia de amor possível. Algo resultará disso, mesmo que seja mais uma grande interrogação. Melhor uma interrogação substancial, real, que uma certeza imperativa, ilusória, letal.

Curadora dos EUA cria diálogo entre Brasil e Bangladesh

No Rio em residência artística, Diana Betancourt pesquisa série de Antonio Dias com papel do Nepal

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Brasil e Bangladesh, numa primeira mirada, não parecem ter muito em comum. Mas para a americana Diana Betancourt, de 35 anos — curadora da Dhaka Art Summit, evento bienal realizado em Daca, capital do país asiático —, no campo artístico essa conexão é bem real.

— O povo do Brasil tem mais em comum com o de Bangladesh do que estes com as elites de seus países — diz ela. — Artistas em Bangladesh têm mais a aprender com iniciativas criadas no Rio, Lima (Peru) ou Nairóbi (Quênia) do que na França ou no Reino Unido. Parte do exercício colonial era garantir que o colonizador fosse o ponto de contato entre os diferentes povos. Ainda vemos isso na forma como as companhias aéreas operam.

Diana, que também é diretora artística da Fundação Samdani, na mesma capital, e vive parte do ano na Bélgica, faz este mês uma residência no Rio, promovida pelo Instituto Inclusartiz. Hoje, às 19h, na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, ela participa de um encontro com o público, em que fala sobre o desenvolvimento de escolas de arte em Bangladesh e de como a produção do país se recusa a ser uma nota de rodapé para a história da arte ocidental.

No Rio, a curadora desenvolveu uma pesquisa sobre as obras criadas por Antonio Dias (1944-2018) em papel artesanal do Nepal, e sobre a experiência do artista no país asiático na década de 1970. O resultado da pesquisa, feita em coleções como a da Satamini, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), de Niterói, ou da própria família de Dias, terá destaque na Dhaka Art Summit de 2020.

— Uma das coisas mais interessantes que descobri aqui é que havia um desinfetante natural nas águas do Himalaia, nas quais Antonio Dias e seus colaboradores

trabalhavam, o que explica a ausência de mofo ou fungo nas obras — conta. — Nunca poderia imaginar ver trabalhos em papel em condições tão incríveis nos trópicos.

Além de obras de Dias, Diana pretende levar para o festival em Bangladesh, no ano que vem, trabalhos de outros artistas brasileiros como Jonathas de Andrade, Vivian Caccuri e Lucas Arruda.

— Artistas brasileiros, vivos e históricos, estão, para mim, entre os maiores do mundo — enaltece a curadora, que promoverá, pela primeira vez no evento (esta é a quarta edição), uma conexão entre a arte do Sul da Ásia e da América do Sul.

INSPIRAÇÃO EM INHOTIM

Diana teve seu primeiro contato com o Brasil não através das artes visuais, mas da música. Quando criança, ouvia os pais escutando bossa nova em casa e queria entender o que as letras significavam na versão original, “em vez das traduções bregas de Frank Sinatra”. Após um curso de português em Princeton, foi a uma exposição de Tunga (1952-2016) no MoMA PS1, o que a trouxe ao Brasil por dois meses em 2008, para visitar museus e galerias. Três anos depois, fez um de seus primeiros programas internacionais de curadoria no Instituto Inhotim, em Minas Gerais. A experiência ajudou na criação do parque de esculturas Shrihatta, em Bangladesh, previsto para abrir em 2021.

Nos últimos anos, os países da Ásia Oriental e do Oriente Médio têm investido pesadamente em arte, tanto na construção de museus, como o Louvre de Abu Dhabi ou o Museu de Arte Contemporânea (Moca) Yinchuan, na China, e em eventos de mercado, a exemplo da Art Basel de Hong Kong. Para a curadora, no entanto, isso não aponta necessariamente para um novo deslocamento do circuito nem significa que o futuro da arte esteja no Oriente.

— O futuro da arte está nos



No Parque Lage, Diana Betancourt conta um pouco de sua experiência na Ásia hoje, às 19h

“Artistas em Bangladesh têm mais a aprender com iniciativas criadas no Rio, Lima ou Nairóbi do que na França ou no Reino Unido”

Diana Betancourt, curadora

artistas, e eles vivem em todo o mundo e abordam diversas realidades. O Louvre Abu Dhabi é uma instituição francesa nos Emirados Árabes, a Basel Hong Kong é uma feira realizada por uma empresa suíça — ressalta. — Claro que fazem um ótimo trabalho e ajudam a região, mas para mim o futuro da arte está em instituições novas, desenvolvidas por pessoas de cada região a partir de seus próprios contextos.

Ainda que as artistas ocupem cada vez mais espaços nas artes visuais, ainda é raro

ver mulheres em posições de comando no meio institucional, como a que Diana ocupa em Bangladesh. A curadora diz se valer do privilégio de sua educação ocidental e seu passaporte americano para abrir oportunidades (toda a sua assistência de curadoria é feita por mulheres) e diz que a mudança depende do empenho dos conselhos em oferecer a mulheres e pessoas não brancas mais espaços de liderança.

— Além de ser mulher, parte da minha família é de chamor-

ros da Ilha de Guam (*território americano na Micronésia*). Meu interesse nas questões decoloniais é pessoal: nossa língua original está quase morta, e a ilha dos meus ancestrais é uma base militar americana — frisa Diana. — Meus patronos da Índia, de Bangladesh e das Filipinas acreditaram em mim, o que também impacta nas decisões das instituições com as quais eles se associam. Eles querem construir um mundo que não existe ainda, que pode ser comandado por mulheres não brancas.